

VIEIRA, Alba Pedreira; MARQUES, Flávia Brassarola Borsani. **MOSAICO movediço: corpos em processos (des)contínuos e (in)disciplinados**. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Artes e Humanidades, Curso de Graduação em Dança. Professora Associada, Performer, Intérprete-criadora, diretora artística. Doutoranda UNICAMP, Bailarina, diretora e performer. Apoio: CNPq, FAPEMIG, PEC/UFV.

RESUMO: Refletimos processos e produtos da Cia. Mosaico de Dança Contemporânea, desenvolvidos a partir do cruzamento de linguagens artísticas e que tem como prisma a “in-ex-corporação” – conexões geradas no entre interno/externo, corpo/ambiente, eu/outro, e no entendimento que teoria e prática são indissociáveis. Identificamos nossos trabalhos como ‘morenos’, pois estabelecemos interfaces entre diversas linguagens artísticas (dança, performance, teatro, literatura, música, artes visuais, tecnologia) e transcendemos gêneros. Corpos mosaicos criam, fazem e assistem arte complexificando questões diversas tais como as políticas, artísticas, sociais, históricas e filosóficas. Criamos obras de dança para provocar estranhamentos, para transformar, para não enrijecer, para não congelar ou brechar o fluxo da imaginação. Percebemos nosso percurso como numa areia movediça: intercalamos deslocamentos e pausas para aprofundar questionamentos, descobrindo sempre diferentes pretextos, textos, contextos, para continuar a imaginar, criar, mover e sermos movidos.

PALAVRAS CHAVE: dança; criação; linguagens artísticas; in-excorporação.

ABSTRACT: We reflect the processes and products of the Company Mosaico of Contemporary Dance, developed under the framework of "in-ex-corporation" – connections generated in the between of internal/external, body/environment, I/other. We understand theory and practice are inseparable dimensions, and identify our work as ‘browns’ ('morenos'), as we cross different artistic languages (dance, performance, theater, literature, music, visual arts, technology) and transcend genres. Mosaic bodies create, make, and appreciate art by making complex diverse issues such as political, artistic, social, historical and philosophical. We create dance to cause strangeness, to transform, not to stiffen, not to freeze or to stop the flow of the imagination. We perceive our journey as in a quicksand: we interpose displacements and pauses to deepen questions, always discovering different pretexts, texts, contexts, to continue to imagine, create, move and be moved.

KEYWORDS: dance, creation; artistic languages; in-exbodiment.

Areia Movediça – Fase 1

Os processos de criação em dança, segundo Vieira (2016), são feitos por corpos que exploram gestos, expressões, repertórios, movimentos e propostas poéticas. Os fluxos cognitivos – holísticos, pois não entendemos

cognição somente como um processo mental, vide Vieira (2007) – fazem surgir improvisações a partir de dispositivos vários que incluem, mas não se restringem a: experiências vividas, textos, música, som, silêncio, imagens, exploração espacial, objeto e figurino. A artista pesquisadora acredita que este é um processo (des)contínuo em que brotam ações e conhecimentos da dança que, à medida que se desenvolvem, podem lançar mão de métodos, materiais, dramaturgia e/ou técnicas. Ela usa a palavra “jogo” (VIEIRA, 2016, p. 122) como uma metáfora para a criação em dança por acreditar que esses dois processos permitem e privilegiam que artistas exercitem a liberdade de imaginar e a flexibilidade diante do acaso e do inesperado.

Ao se criar em Dança – área de conhecimento e linguagem, pode-se lançar mão de propostas interdisciplinares, tão valorizadas na contemporaneidade. Apostamos nesse cruzamento entre linguagens artísticas em obras que discutimos nesse texto. Esse mote inicial nos levou a explorar estratégias e abordagens que catalisam o desenvolvimento de processos de criação em dança em interface com outras linguagens na criação de diversos trabalhos feitos pela Cia Mosaico de Dança Contemporânea – por exemplo, em *Being Bricolage* a Dança dialoga intimamente com as Artes Visuais; em *Intermeio*, além de dialogar com as Artes Visuais, a performance dialoga intimamente com a Literatura e a Música.

Processos de criação, montagens e composições, temáticas afins, inserem-se nas pesquisas artísticas desenvolvidas pela Companhia Mosaico de Dança Contemporânea, criada em 2008.ⁱ Desde sua fundação, sob direção artística de Alba Vieira, intérpretes-criadores e performers da Cia. desenvolvem e apresentam performances, espetáculos, coreografias, vídeodanças, dentre outras ações, que também incluem ministrar oficinas, cursos, debates e palestras em diferentes locais e com público variado. Todo nosso trabalho prático é encarado como uma prática como pesquisa que, geralmente, fundamenta publicações como essa (e.g., VIEIRA, 2017, 2012). A escrita é mais uma camada do processo de criação prático.

Guiamos o trabalho, que inclui criação e apresentação corporal, digital e textual, pela in-ex-corporação (VIEIRA, 2007; FERNANDES, MORAIS, SCIALOM, VIEIRA, 2017), pois tanto no processo da criação como no videográfico e na escrita há troca de fluxos energéticos que geram construção

de saberes coletivos nas relações interno/externo – conexões consigo mesmo, com o ambiente e com o outro. Essa proposta metodológica se nutre da prática como pesquisa em que a teoria e a prática dialogam sempre. O entre é privilegiado. O registro e edição audiovisual (filmagens e fotos) dos encontros ou laboratórios e das apresentações é texto, também, que conta sua própria HIS/Estória. História, porque são registros inscritos no corpo, na escrita e nas imagens – registros feitos por nós, artistas que os produzimos a partir de nossas perspectivas; estórias, porque as leituras desses registros são subjetivas.

Areia Movediça – Fase 2

Durante os processos de criação, os membros da Cia. Mosaico se encontram em inúmeros e intensos laboratórios de improvisação que incluem várias práticas corporaisⁱⁱ e diálogos para trocas de ideias e reflexões. Essas densas interações que emergem nos laboratórios envolvem aspectos que caracterizam uma típica colaboração incorporada, segundo autores que estudam interações sociocognitivas como tais são descritas por Kellie Williamson e John Sutton (2014): a atividade de relembrar com a outra pessoa (como quando relembramos juntos sequências criadas em laboratórios anteriores), a sensibilidade às ações uns dos outros (como quando estamos demonstramos maior cuidado quando percebemos que algum intérprete chega cansado, nervoso, com alguma dor corporal em determinado dia, e assim por diante), a receptividade à novidade (como quando alguém dá uma ideia nova, que pode inicial e aparentemente parecer estranha, mas que é levada em consideração e testada para saber se aceita ou descartada).

Nossos processos são geralmente lentos, se comparados aos processos de outras companhias, porque não somos orientados pela pressa em compor.ⁱⁱⁱ Entendemos que criar coletivamente em arte não se dá repentinamente e há muitos pontos de conciliação a se fazer, acordos a se celebrar, escolhas a se fazer colaborativamente. O processo em uma criação coletiva em dança se diferencia, deveras, de um processo individual. Quando se tem, como temos, riqueza de debates e embates, não há como tomar atalhos. Melhor é degustar nossa ‘Jornada para Ítaca’, enquanto ganhamos em profundidade:

Se partires um dia rumo a Ítaca, faz votos de que o caminho seja longo, repleto de aventuras, repleto de saber. [...]. Estás predestinado a ali chegar Mas não apresses a viagem nunca. Melhor muitos anos levars de jornada e fundares na ilha velho enfim, rico de quanto ganhaste no caminho, sem esperar riquezas que Ítaca te desse. Uma bela viagem deu-te Ítaca. Sem ela não te ponhas a caminho. Mais do que isso não lhe cumpre dar-te. Ítaca não te iludiu, se a achas pobre. Tu te tornaste sábio, um homem de experiência, E agora sabes o que significam Ítacas (KAVÁFIS, 2006, p. 146-147).

O Processo de Being Bricolage

Os dispositivos que diretamente afloraram interfaces de Dança e Artes Visuais basearam-se em características e princípios de diferentes escolas e pinturas (Jardim das Delícias de Bosch, Barroco, *Pop Art*, Dadaísmo, Futurismo, Expressionismo e Surrealismo). Dessas referências, estímulos teceram criações no e pelo corpo, tais como imagens de pinturas, sonhos dos intérprete-criadores, músicas, dinâmicas de carácter imagético a partir de objetos como garrafas d'água, gelos, nuvens e velas, testes de psicanálise, discussões do grupo, diminuição da luz ambiente do estúdio, exploração espacial e de diferentes locais. Essas possibilidades aumentaram os acionamentos de novas configurações nas criações que deslocaram nossos eixos das zonas de conforto individuais. As cenas do Dadaísmo, por exemplo, desequilibraram o senso estético tradicional, e nos permitiram fazer brotar diferentes paisagens gestuais.

Durante o processo de criação da obra de dança contemporânea *Being Bricolage*, foram elaboradas as seguintes cenas: “Relojinho”, “Entre o céu e a terra”, “Abraços”, “Turco”, “Dadaísmo”, “Cobra” e “Cordas”. Esses nomes foram naturalmente criados e passaram a ser repetidos, ao longo do tempo, pelo coletivo de intérprete-criadores. Uma das referências das Artes Visuais que orientou várias dessas cenas foi o trabalho do artista Txomin Badiola, cujas obras oscilam entre a escultura, pintura, instalação e arquitetura, ‘brincando’ com a interdisciplinaridade dessas dimensões de atuação artística. Esse aspecto também caracterizou *Being Bricolage*, pois se lançou mão de: (1) princípios de gêneros da área da Dança tais como dança teatro e improvisação estruturada (Cena “Cordas”) e princípios da coreografia (Cenas “Relojinho” e “Turco”), (2) princípios das Artes Visuais, da instalação e da cenografia no cenário feito pelos alunos da Arquitetura da Universidade Federal de Viçosa/UFV^v que lembram esculturas flutuantes, (3) princípios da Música e do

Teatro presentes na cena “Cordas” por meio, respectivamente, do canto feito por três intérprete-criadores, e da forte carga de dramaturgia presente nessa cena, o que a diferencia das demais.

Assim como Badiola faz uso de reproduções de pinturas clássicas em seus trabalhos (e.g., pinturas de Michelangelo Merisi, conhecido como Caravaggio), na cena “Cobra” lançou-se mão de formas e movimentações ‘reproduzidas’ de trabalhos de Rodrigo Pederneiras (Grupo Corpo) e de William Forsythe (“In the middle, somewhat elevated” de 1987); vide figura 1.

Figura 1. Cena da Cobra de Being Bricolage: mescla de referências, neoclássico e dança contemporânea, assim como nos trabalhos de Badiola. UFV, junho de 2017.



Foto de Viktor Maforte

O diálogo com as Artes Visuais na construção do cenário (figura 2) exigiu o desenvolvimento técnico por meio da produção de desenhos em perspectiva do cenário e estudo da espacialidade para disposição das ‘esculturas’ brancas criadas. Essas foram dependuradas nas varas com fios de nylon. Parecia que as esculturas (cujas formas ondulantes se basearam nas movimentações dos intérprete-criadores observadas pelos alunos da Arquitetura durante o processo de montagem de *Being Bricolage*) estavam suspensas no ‘céu’ negro do palco.

Figura 2. Cenário e figurino minimalistas



Foto de Viktor Maforte

Durante a construção da obra, outras interfaces entre Dança e Artes Visuais foram: (1) quebra do formalismo, princípio usado por Badiola em seu processo artístico, é usado na última cena, “Cordas”, quando um dos artistas, que até então se confunde com o público, sai da plateia cantando e sobe para o palco; (2) mistura de gêneros e/ou vocabulários nas cenas (a) “Cordas” baseada no quadro *Jardim das Delícias* de Bosh, em que um dos artistas improvisa com a cobra Camomila (figura 3), enquanto outros dois artistas dançam um dueto que mescla neoclássico e dança contemporânea, (b) “Abraços” baseada no Expressionismo quando um dos artistas se abraçam por vários minutos, variando tempo e tons, com forte carga emocional enquanto outro artista entra em cena parodiando o *pop art* dançando *um pout pourri* de passos de samba, funk, jazz e stiletto, procurando, como na *pop art*, referências da assim chamada ‘cultura de massa’.

Figura 3. *Being Bricolage*, Cena Cobra: Humberto e a cobra Camomila. UFV, Junho 2017.

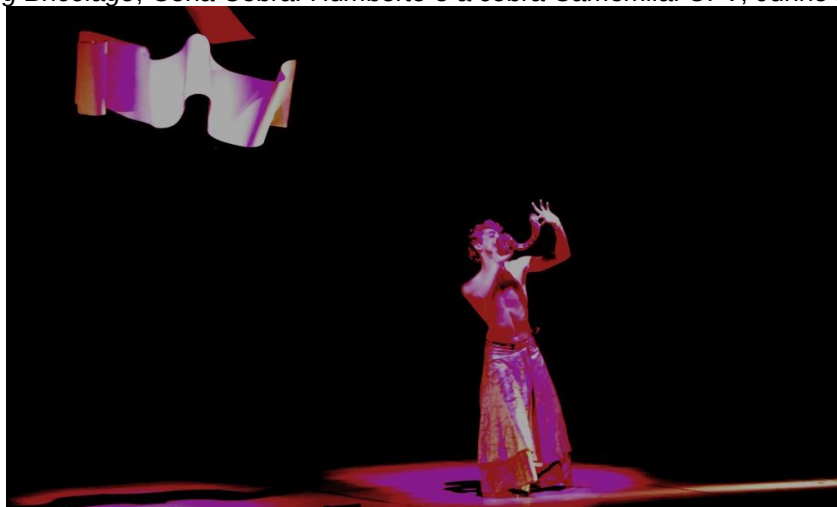


Foto de Viktor Maforte

O Produto Being Bricolage

Para além da confluência intencional e sistemática com as Artes Visuais, o espetáculo^v abordou, também propositadamente, questões do momento atual da nossa sociedade e da política brasileira. Assim como Santos (2017), acreditamos que as Artes podem contribuir para outras configurações (diferentes das habituais) nas intervenções políticas cotidianas e como podem redimensionar estas discussões tendo como base seus processos criativos e resultados estéticos. Assim, a cena “Relojinho” questiona a automatização e ações robotizadas das nossas vidas, as cenas “Cobra” e “Cordas” exploram, respectivamente, a moralidade predominante em religiões ocidentais que nos dita quais comportamentos são considerados pecaminosos em relações amorosas (no quadro de Bosch isso é bem representado no céu, na terra e no inferno), e a repressão por meio de grupos hegemônicos que exercem seu poder para nos silenciar e impedir iniciativas, movimentos e ações consideradas ‘transgressoras’ – aspectos que foram sintetizados na seguinte indagação escrita no release da obra: “Desde o jardim do Éden até o presente, a paralisia e o emudecimento podem se tornar algumas das piores violências – venenos infligidos ao ser humano. Transgredir, artistar e imaginar poderiam ser saídas possíveis?” (texto escrito por Alba Vieira).^{vi} Uma possível reflexão para essa pergunta: Criar e fazer dança como uma prática corporificada, uma epistemologia encarnada, uma ecologia social, uma economia política, um modo de protesto e resistência, um texto corporalizado, um terreno cultural contestado, um desejo realizado (como tentamos fazer em *Being Bricolage*), aproxima problemas da dança e da sociedade; faz-se então uma dança politizada (KOWAL, SIEGMUND, MARTIN, 2017).

Duas grandes surpresas, segundo relato de membros da plateia, foram o artista que sai do meio do público, e até então ele estava ali ‘camuflado’ como mero expectador; e a cobra Camomila (inspiração do quadro “Jardim das Delícias” que retrata o paraíso e o inferno). O figurino e linóleo brancos dialogaram com as esculturas brancas do cenário permitindo que a iluminação tivesse um efeito máximo – o que também encantou membros da plateia, segundo relatos, pelo efeito plástico gerado (figura 4). Porém, para intensificar o diálogo com o espaço, em reapresentações, houve mudança do figurino,

maquiagem e cabelo, como na reapresentação do Teatro do Departamento de Economia Doméstica (a convite, figura 5), em que optamos por usar calça preta e collant vinho, pois a apresentação foi de dia e não foi feita a mesma iluminação da estreia. Adaptamos a obra ao tempo e espaço da apresentação, mantendo seus aspectos essenciais de diálogo entre linguagens, por saber que ela nunca se cristaliza.

Figura 4. Being Bricolage: Figurino e linóleo brancos, mudam de cor conforme a iluminação. Junho 2017.

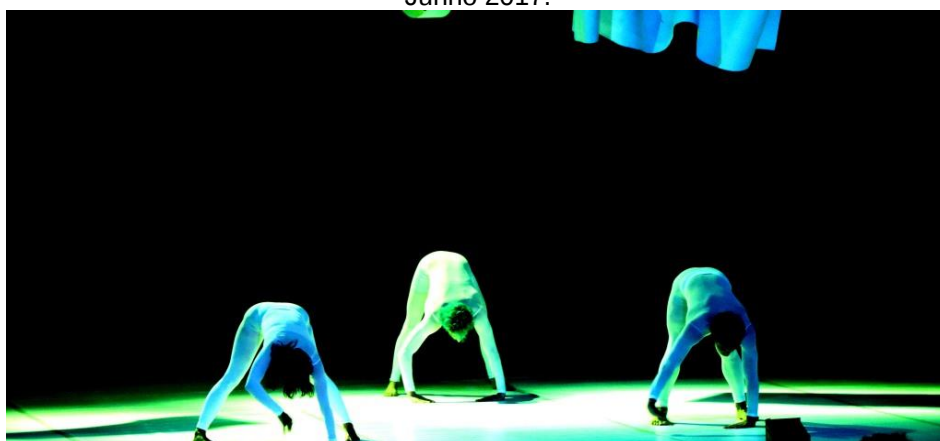


Foto de Viktor Maforte

Figurino 5. Circulação de Being Bricolage: Figurino muda para dialogar com o espaço e o horário da apresentação. Teatro do DED/UFV. 2017.



Foto de Viktor Maforte

O Processo de Intermeio:

A obra *Intermeio* nasceu na viagem técnica e de pesquisa que Alba Vieira (artista da Dança) e Cláudio Magalhães (artista visual) fizeram à Madri na Espanha, em fevereiro de 2017 – vide figura 6, aonde visitaram museus (e.g., Padro, Rainha Sofia) observando, analisando e apreciando obras

clássicas como o *Tríptico – Jardim das Delícias* – de Hieronymus Bosh, e outras pinturas de Goya, Pablo Picasso, além de trabalhos em exposições como a do artista espanhol Txomin Badiola (no Palácio Velazquez) que abraça o hibridismo de gêneros e referências artísticas (barroco, *pop art*, minimalismo, arte conceitual).

Figura 6. Cláudio e Alba em visita técnica e investigativa na exposição de Badiola em Madri, Espanha. Fevereiro de 2017.



Foto de câmera automática

Como já explicado anteriormente nesse texto, Badiola estabelece relações com as obras de arte do passado, inserindo reproduções impressas dessas pinturas (como as de Caravaggio) em seus trabalhos. Com essa referência, ele sugere como a produção artística contemporânea não está desvinculada do que foi produzido anteriormente. A espacialidade, bastante explorada pelo artista, inspirou Alba a improvisar explorando performativamente espaços positivo e negativo na própria exposição de Txomin Badiola como se pode ver na figura 7. Ela repetiu essa proposta na instalação feita pelos alunos da Arquitetura no dia da apresentação de *Intermeio* no Espaço Fernando Sabino em Viçosa, MG.

Figura 7. Alba performa com as obras de Badiola explorando espaço negativo. Madri, 2017.



Foto de Cláudio Magalhães

As instalações-esculturas de Txomim Badiola, em especial, sensibilizaram e levantaram o interesse de Alba e Cláudio em elaborar uma performance que se inspirasse nos princípios das obras desse artista, por exemplo, obras minimalistas que apresentam um mínimo de recursos e elementos, e privilegiam formas geométricas simples, repetidas simetricamente. Um contraponto ao mundo abarrotado (em vários sentidos, mas principalmente de informações, imagens e notícias) que vivemos hoje: “Sabemos que o cotidiano é impregnado de ficções, representações e formas que alimentam o imaginário coletivo” (SANTOS, 2017, p. 15). Tais ideias fizeram brotar a performance que se intitulou *Intermeio*. Estar entre, no meio de diversas linguagens tais como a música, literatura, performance, artes visuais.

A ideia não é nova, pois desde a Índia Antiga os mestres da dramaturgia defendiam a inseparabilidade entre música, dança e teatro (BHARDWAJ, 2017). Mas além do estar entre artes, queríamos estar entre a arte e a política. Assim, Alba escolheu um texto para declamar de forma adaptada enquanto improvisava: “Desempregado com Filhos” do escritor português Gonçalo M. Tavares. Essa texto foi selecionado por dois motivos: (1) aborda uma situação de desemprego que reflete um dos maiores desafios enfrentados também no Brasil atualmente, (2) usa a repetição assim como nas obras minimalistas de Badiola. O escritor usa da estratégia de repetição de

frases e palavras em seu texto,^{vii} assim como Badiola repete materiais e formas geométricas em suas obras. Alguns dos movimentos da performer também se repetiram afinando-se à essa estratégia usada tanto pelo escritor quanto pelo artista visual.

Para a apresentação desta performance, no Espetáculo Mosaico VIII, a interação direta com as Artes Visuais foi feita por meio da cenografia, discutida por Alba e Claudio com alunos do Curso de Arquitetura da UFV.^{viii} Os discentes montaram um cenário com objetos usados cotidianamente (uma escada, cadeiras, e torres – estruturas metálicas de iluminação teatral) e dispostos espacialmente de forma bastante similar à utilizada por Txomin Badiola. Essa mistura de elementos e materiais também foi inspirada pelas obras ecléticas desse artista.

O Produto Intermeio:

A apresentação de *Intermeio* no Espetáculo Mosaico VIII se deu no proscênio com a cortina fechada, e resultou numa obra cuja conformação estética era feita, a nosso ver, por quatro performers. Além de Cláudio e Alba, os outros dois performers eram: (1) o cenário composto pelos alunos da Arquitetura, muito similar a uma instalação de Badiola (que usa sempre objetos industrializados), uma cadeira preta, torres de iluminação, escada e pinturas barrocas impressas e afixadas nessa instalação, (2) o elemento cênico (projeção de imagens no guarda-chuva recoberto por tecidos brancos esvoaçantes que era carregado por Cláudio).

Na apresentação de *Intermeio*, Alba e Cláudio escolheram figurinos minimalistas como é minimalista a obra de Badiola e de Tavares – esse escritor costuma dizer que escreve muito rápido, e depois gasta muito tempo cortando palavras. A performer usou vestido rosa escuro pelo efeito estético de realce causado no teatro que tinha iluminação diminuída neste momento, e o performer calça e camisa preta (para se tornar um performer que podia ser ouvido, mas dificilmente visto). Cláudio se deslocou no proscênio embaixo de um guarda-chuva preto recoberto por tecidos brancos – esse elemento cênico pode ter sido também cenário, pois nos tecidos foram projetadas pinturas barrocas e cubistas (trazendo referências de outras escolas artísticas, como faz Badiola).

Cláudio cantou músicas líricas (também remetendo ao contraponto entre um gênero de música considerado antigo que foi inserido numa performance contemporânea), intercaladas pela declamação por Alba do texto “Desempregado com Filhos”. Ao declamar, Alba improvisava movimentos pelo espaço do proscênio que estava quase completamente tomado pela cenografia e com pouquíssima iluminação (essa somente se deu pelas projeções). Essa dificuldade da performer em se mover, provocada pela disposição cenográfica e pela quase escuridão, remetia à dificuldade de alguém se mover e mover a realidade em situações desafiadoras como aquelas quando é alta a taxa de desemprego (como acontece atualmente no Brasil). O desemprego é exemplo de momentos em que, como diz Chico Buarque e Francis Hime, “a coisa aqui tá preta”.^{ix} E como na letra dessa música, o proscênio assim ficou: literalmente, preto. O preto também remete à dificuldade que podemos ter em enxergar com lucidez a realidade social e política que nos circunda, pois “Nos tempos polarizados do momento brasileiro, a privação da política e o culto à moral e aos costumes confundem-se como credo” (SANTOS, 2017, p. 27).

Areia Movediça – Fase 3, Aprofundar

Baseando-nos em Vivas, Andrade, Furegati (2017), consideramos que nossos trabalhos artístico-investigativos mostram nuances e gradientes de processos e produtos que exploram a hibridização entre linguagens e gêneros, inserindo nesses trabalhos as “contribuições das individualidades” (p. 23) de cada artista envolvido, indo assim de encontro às meganarrativas de universalidade da arte. O que compartilhamos foi o nosso jeito, a forma como a Cia. Mosaico de Dança encontrou/tem encontrado de dialogar dança e performance com outras linguagens em duas obras, *Being Bricolage* e *Intermeio*.

Nas próximas vezes, podemos fazer tudo muito diferente, já que buscamos sempre (nos) reinventar. Buscamos criar “novos protocolos de criação” (Moreira, 2012), pelo menos novos no sentido de serem diferentes para a maioria de nós, artistas da Mosaico. Esses protocolos são também os que nos foram possíveis criar, considerando várias limitações que encontramos, por exemplo, vivemos, trabalhamos, estudamos, pesquisamos

Arte/Dança em uma cidade interiorana de Minas Gerais. Geralmente não temos apoio financeiro de grandes editais e/ou empresas, e existimos em uma Universidade que nem sempre/difícilmente apoia as produções artísticas que acontecem dentro do Curso de Graduação em Dança – o único de artes ali existente.

Consideramos que o hibridismo esteve presente nas movimentações, nos processos de criação, nas formatações do fazer artístico e resultados ocasionados, nos performers, nas concepções, nas parcerias com outras linguagens, disciplinas, conceitos e conteúdos, com a concepção coreográfica e performativa, e na própria temática com as interfaces estabelecidas, principalmente os diálogos entre linguagens artísticas.

Na medida que desbravávamos, corporalmente, as temáticas de cada pesquisa artística, conseguíamos nos conectar com os aspectos teóricos das investigações de diálogos entre linguagens de forma operante e colaborativa em configurações de processos e produtos gerados pela Mosaico. Porém, o pano de fundo de todos nossos trabalhos, temos que admitir, é acender os holofotes – jogar luz, é ampliar e aprofundar a consciência crítica nossa e de quem nos assiste. Para isso, sempre nos perguntamos como instigar o público a “indagar-se sobre o estado das coisas” (SANTOS, p. 13). Seria fazendo uma arte “planetária” como sugerido por Vivas et al (2017), que abarca várias possibilidades na busca por trabalhos artísticos que levam “em conta a complexidade do estar-no-mundo, suas dissonâncias e dialéticas, de modo a evidenciar os “mundos-dentro-do-Mundo”, e que representam a diversidade [...]” de corpos, histórias de vida, referências, gêneros, propostas? Seria privilegiando a diversidade e o diálogo entre linguagens para que apesar de distâncias geográficas, culturais, econômicas, políticas, aflições e desafios similares continuem a contaminar nossos processos de criação e pesquisas? Seria ? E seria também ?

Não há repostas simplistas para essas perguntas, mas elas são constantemente exploradas na prática cotidiana da Cia. Mosaico. Nosso trabalho, como é vinculado ao Grupo de Pesquisa Transdisciplinar em Dança (CNPq/UFV), se nutre da prática como pesquisa, pois compreendemos que o conhecimento é gerado do criar e do fazer artístico em constante diálogo com a teoria. Em nossas jornadas artístico-investigativas, identificamos nossos

trabalhos como ‘morenos’, pois cruzamos diversas linguagens artísticas (dança, performance, teatro, literatura, música, artes visuais, tecnologia) e transcendemos gêneros. Dançarinos da Mosaico criam, fazem e assistem arte complexificando no pensar do corpo questões diversas tais como as políticas, artísticas, sociais, históricas e filosóficas. Nossas pesquisas-criações se movem para além da universidade, dilatando-se em palcos, bares, escadas, saguões, eventos, praças, ruas, cachoeiras e outros lugares. Alargamos espaços físicos e simbólicos para incrementar interações entre artistas e desses com o público.

Criamos para provocar estranhamentos, para transformar, para não enrijecer, para não congelar ou breçar o fluxo da imaginação. Além de expandir fronteiras e não se fixar em uma determinada identidade, a Mosaico busca ampliar os possíveis diálogos e o intercâmbio entre culturas brasileiras e o mundo contemporâneo por meio de encontros que exploram conceitos, ideias, argumentos, em um processo (des)contínuo que por vezes se tenta (in)disciplinado. Sentimos nosso percurso como numa areia movediça: intercalamos deslocamentos e pausas para aprofundar questionamentos, descobrindo sempre novos pretextos, textos, contextos, para continuar a imaginar, criar, mover e sermos movidos. E aprofundar,

e aprofundar,

e aprofundar ...

Referências Bibliográficas

BHARDWAJ, M. Debate sobre o “Moderno” no Contexto Indiano: reflexões sobre a história e as mudanças na estética da dança na Índia. In: MUNDIM, A. C.; BRAGA, B.; VELOSO, G. Apresentação. MUNDIM, A. C.; BRAGA, B.; VELOSO, G.; TELLES, N.(org.). **Múltiplos Olhares sobre Processos Descoloniais nas Artes Cênicas**. Jundiaí, SP: Paco, 2017. p. 137-151.

FERNANDES, C., MORAIS, L.A, SCIALOM, M., VIEIRA, A.P et al., 2017. Imersão Cristal: Princípios, Recorrências e Reverberações. Revista **Ouvirouver**, Uberlândia v. 13, n.1p. 48-65 jan./jun.2017.

KAVÁFIS, K. **Poemas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

KOWAL ,R. J.; SIEGMUND, G.; MARTIN, R. (ed.). **The Oxford Handbook of Dance and Politics**. New York: Oxford University Press, 2017.

MOREIRA, L. A. Dramaturgias Contemporâneas: as transformações do conceito de dramaturgia e suas implicações. **Dissertação de mestrado**. Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, 2012.

SANTOS, V. O contrapoder em Arte. In: MUNDIM, A. C.; BRAGA, B.; VELOSO, G.; TELLES, N.(org.). **Múltiplos Olhares sobre Processos Descoloniais nas Artes Cênicas**. Jundiaí, SP: Paco, 2017. p. 13-28.

VIEIRA, A. P.. The Nature of Pedagogical Quality in Higher Dance Education. **Tese de Doutorado**. Temple University, EUA, 2007.

_____. Dramaturgias... do Corpo Dançante. **Cadernos do GIFE-CIT. Processos criativos: Dramaturgias, materiais e improvisação**. Salvador, Editora da UFBA, n. 37, 2016.

_____. Processos criativos em dança: uso de estratégias e propostas variadas na composição. IN: **Anais do 3º Encontro Nacional dos Pesquisadores em Dança**. São Paulo: UNESP, 2012. Disponível em: <<http://www.portalanda.org.br/anda/site/Repositório/anais/2012/3-2012-ALBAPEDREIRA-VIEIRA1.pdf>>. Acesso em 20 de abril de 2014.

VIVAS, Rodrigo; ANDRADE, Marco Paqualini de; FUREGATTI, Sylvia. Narrativas sobre a universalidade da Arte. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**. v.7, n.13: mai.2017, p. 17-26.

WILLIAMSON, K.; SUTTON, J. Embodied Collaboration in Small Groups. Charles T. Wolfe (ed), **Brain Theory: essays in critical neurophilosophy**. Palgrave Macmillan, 2014.

ⁱ Vide vídeo de divulgação da Cia. Mosaico (trabalhos feitos nos últimos três anos e apoiados pela FAPEMIG) em: <https://youtu.be/vGml0ag2fB0> A Cia. Mosaico é vinculada ao Departamento de Artes e Humanidades/Curso de Graduação em Dança/UFV.

ⁱⁱ Há variedade em termos de exercícios e atividades praticadas, por exemplo, nos 'nutrimos' do yoga, balé clássico, jazz, capoeira, sequências de fortalecimento muscular e do centro de gravidade do pilates, *trance dance*, exercícios do sistema Laban/Bartenieff e dinâmicas de View Points, dentre outros.

ⁱⁱⁱ Esse é um privilégio que temos consciência nem sempre podemos desfrutar (quando temos sim, exigência por motivos variados em cumprir datas), e não faz parte da realidade da maioria de trabalhos coletivos em arte. Geralmente há datas para se cumprir, e isso também engloba aspectos positivos, como a necessidade de achar formas adequadas de articulação rápida entre os membros e maior empenho do grupo para cumprir prazos.

^{iv} As Cenografias de *Intermeio* e *Being Bricolage* foram elaboradas e executadas pelos alunos do Curso de Arquitetura da UFRV, matriculados nas disciplinas ARQ 115 – Estética e História da Arte e ARQ 141, Comunicação e Expressão Gráfica, ministradas pelo professor Cláudio Magalhães.

^v Essa obra de dança contemporânea (vide vídeo com a obra em: <https://youtu.be/Jywt46J4BKg>) estreou no Espaço Cultural Fernando Sabino da UFRV (Viçosa, MG, Brasil) em 21 de junho de 2017 e foi reapresentada em diversos eventos

e locais (e.g. hall de departamentos, salão de eventos, palco, estúdio de dança) e com público bastante variado em Viçosa, Teixeiras, Belo Horizonte e Salvador (em 2018). A estreia se deu na oitava edição do Espetáculo Artístico Mosaico e I Expresso Cultura, sob direção geral de Alba Vieira. O cruzamento de linguagens artísticas e de áreas (Dança, Artes Visuais, Performance, Música, Arquitetura e Literatura) marcaram o evento. A Cia. Mosaico apresentou a performance *Intermeio* e a obra de Dança Contemporânea *Being Bricolage*.

^{vi} Intérprete-criadores na estreia foram: Alba Vieira, Amanda Pinheiro, Caio Fillype, Humberto Martins, Rayla Ribeiro e Kênia Braga; participação especial, Rick, aluno da Arquitetura que entrou cantando na cena final, e Camomila, a cobra Phytton cedida para o espetáculo pelo Museu de Zoologia da UFV.

^{vii} “Disseram-lhe: só te oferecemos emprego se te cortarmos a mão. Ele estava desempregado há muito tempo; tinha filhos, aceitou. Mais tarde foi despedido e de novo procurou emprego. só te oferecemos emprego se te cortarmos a mão que te resta. Ele estava desempregado há muito tempo; tinha filhos, aceitou. Mais tarde foi despedido e de novo procurou emprego. Disseram-lhe: só te oferecemos emprego se te cortarmos a cabeça. Ele estava desempregado há muito tempo; tinha filhos, aceitou.” (Texto do livro “O Senhor Brecht”).

^{viii} Os alunos também tiveram, durante o processo de criação, aulas com Alba e Cláudio sobre a estética e poética do artista Badiola.

^{ix} Canção “Meu caro amigo”.